

 <p>ESCOLA DE COMUNICAÇÃO, ARTES E DESIGN FAMECOS</p>	<h1>REVISTA FAMECOS</h1> <p>mídia, cultura e tecnologia</p> <p>Revista FAMECOS, Porto Alegre, v. 31, p. 1-12, jan.-dez. 2024 e-ISSN: 1980-3729 ISSN-L: 1415-0549</p>
<p>https://dx.doi.org/10.15448/1980-3729.2024.1.45762</p>	

SEÇÃO: MÍDIA E CULTURA

Georg Simmel e a sociologia do fútil: nas fendas do social e do íntimo...¹

Georg Simmel and the sociology of the futile: in the cracks of the social and the intimate...

Georg Simmel y la sociología de lo fútil: en las grietas de lo social y lo íntimo...

Philippe Joron²

orcid.org/0000-0002-6896-213X
philippe.joron@univ-montp3.fr

Recebido em: 21 jan. 2024.

Aprovado em: 27 mar. 2024.

Publicado em: 13 set. 2024.

Resumo: Georg Simmel, reconhecido primeiramente pela elaboração de uma sociologia chamada de "formel", nos lembra que a produção de conhecimento sociológico, às vezes, assume caminhos e vias que pensamos não serem estritamente científicos, mas que se revelam essenciais para a compreensão da realidade social.

Palavras-chave: Georg Simmel; realidade social; sociologia do fútil.

Abstract: Georg Simmel, first recognised for the development of a sociology called 'formel', reminds us that the production of sociological knowledge sometimes takes paths and routes which we thought were not strictly scientific, but which turn out to be essential for understanding social reality.

Keywords: Georg Simmel; social reality; sociology of the futile.

Resumen: Georg Simmel, reconocido en primer lugar por el desarrollo de una sociología llamada "formel", nos recuerda que la producción de conocimiento sociológico toma a veces caminos y rutas que creíamos no estrictamente científicos, pero que resultan ser esenciales para comprender la realidad social.

Palabras-clave: Georg Simmel; realidad social; sociología de lo fútil.

Introdução

No processo de fundação e institucionalização da sociologia entre o final do século XIX e o início do século XX na Europa, Georg Simmel desempenhou um papel fundamental. Uma posição marginal, porém, central. De maneira deliberadamente desajeitada e, sem dúvidas, infundada, alguns situam sua obra, em ordem de importância, atrás daquelas de Max Weber, Émile Durkheim ou, ainda, Vilfredo Pareto, embora ele tenha desfrutado de sucesso contínuo na época, tanto na Alemanha quanto na França, com a realização de diversas palestras e a publicação de estudos inovadores na década de 1890, um dos quais se tornou uma referência na França, apesar das controvérsias que envolveram seu autor: "*Comment les formes sociales se maintiennent*" (Simmel, 1898) – em tradução livre, "Como as formas sociais se mantêm" – (em *L'Année Sociologique*, revista fundada por Durkheim).



Artigo está licenciado sob forma de uma licença
[Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/)

¹ Texto traduzido do francês por Luana Chinazzo Müller.

² Université Paul-Valéry Montpellier 3 (UPVM3), Montpellier, França.

Entre outras contribuições fundamentais para a constituição dessa nova disciplina, a sensibilidade simmeliana em relação às problemáticas sociais desenvolveu duas orientações heurísticas, de natureza compreensiva e não exclusivamente explicativa, que também lhe renderam muitas críticas (especialmente por parte de Durkheim), um isolamento entre as duas guerras pela Escola Francesa de Sociologia e, posteriormente, um merecido reconhecimento nos Estados Unidos com a Escola de Chicago. No entanto, a sociologia de Simmel é essencialmente e rigorosamente objetiva. Ela pode ser compreendida, segundo Jean-Louis Vieillard-Baron, como "uma filosofia do espírito objetivo, isto é, das manifestações, encarnações e objetivações do espírito humano na realidade sócio-histórica, é nesse sentido que o sujeito não é esquecido em favor dos objetos"³ (Vieillard-Baron, 1989, p. 9, tradução nossa). Ao contrário de Durkheim, que estava impregnado de considerações ideológicas, disciplinares e personificadas em relação ao reconhecimento das fundações e dos fundamentos da sociologia que lhe eram imputáveis,

era necessário [para seus detratores ou moderadores] que a sociologia redescobrisse o significado das relações sociais mais discretas, concentrando seus esforços, por exemplo, na observação da vida cotidiana e nas inter-relações modestas para que se despertasse novamente para a obra de Simmel⁴ (Freund, 1986, p. 8, tradução nossa).

É neste sentido que qualificamos a sociologia simmeliana de "fútil", pois foi considerada em sua época pela Escola Francesa de Sociologia durkheimiana como uma filosofia estética, até mesmo, desesperadamente especulativa.

Em primeiro lugar, a elaboração de uma sociologia qualificada como formal, formalista ou formista. Georg Simmel propõe uma distinção praticável entre conteúdo e recipiente, ou seja, na esfera da sociedade, entre os objetos e ações que conectam os indivíduos e as diversas formas

que as associações desses mesmos indivíduos interagentes podem assumir. Isso representa uma visão epistemológica importante, pois, segundo Simmel, toda a legitimidade da sociologia se baseia no estudo dessas formas sociais, independentemente dos conteúdos invocados e expressos. Na verdade, para ele, trata-se de descobrir as invariantes da vida social, e é nesse aspecto que sua sociologia poderia ser descrita como sistêmica. No entanto, essa orientação permaneceu em estado de esboço no plano teórico, pouco sustentada em sua constituição programática.

A isso se seguiu uma orientação interacionista, que teve muito mais repercussão do que a primeira, sem dúvidas porque respondia a considerações mais sociológicas do que filosóficas. Essa sociologia da interação social, no centro da qual encontramos o conceito fundamental de ação recíproca, destaca, em particular: a produção incessante de relações sociais, de relações recíprocas entre indivíduos e grupos humanos; a existência de forças e movimentos contraditórios (atração-repulsão, coesão-dispersão, integração-desagregação, associação-conflito); a irredutibilidade de um vitalismo ambiente. A vida social é, assim, compreendida como um fluxo contínuo de dinâmicas marcadas por semelhanças e diferenças, tensões e equilíbrios entre forças contraditórias que, no entanto, são necessárias em relação umas às outras.

Com base na distinção estabelecida entre conteúdo e recipiente, é possível afirmar aqui que a sociologia formal ou formista contém, de certa maneira, a sociologia da interação social, embora esta última seja mais acessível do que a primeira em termos de interpretação e prática sociológica.

Vamos aos fatos. Dissemos que a sociologia da interação social consiste em analisar as relações interindividuais, ou seja, as ações recíprocas. Essas ações são comandadas por uma gama de

motivações (moral, fé religiosa, desejo erótico, interesse econômico, busca pelo prazer etc.). É o conjunto ou parte dessas ações que permite a união dos indivíduos em uma sociedade de fato. Essas diversas motivações correspondem, portanto, ao conteúdo de qualquer ação. Contudo, essas ações recíprocas produzem algo que Georg Simmel chama de "forma social". Um exemplo é a moda que, como forma social, "permite unir em um único ato a tendência à equalização social e a tendência à distinção individual, à variação"⁵ (Simmel, 1988, p. 91, tradução nossa). Em um registro completamente diferente, poderíamos dizer que a festa, de forma genérica, é uma forma social que assume essas mesmas características. Em efeito, ela é o produto de ações recíprocas, determinadas por circunstâncias de tempo e lugar, alimentadas por diversas motivações (instintos de congregação, desejo de semelhança em um espírito/corpo comunitário, desejo de distinção em relação à sociedade global ou em relação a tudo o que representa a vida cotidiana). A festa, assim como a moda, é, portanto, uma forma social que está, ela mesma, em constante interação com outras formas sociais, as quais a influenciam da mesma maneira que ela exerce certo tipo influência ou coerção sobre as outras. Ela não é apenas o resultado de certas interações entre indivíduos, mas também o produto de suas próprias interações com outras formas sociais. Nesse sentido, é possível, para o sociólogo, apreendê-las em um processo de objetivação: por meio de abstração, cabe a ele evidenciar uma lógica de funcionamento própria dessas formas sociais e, assim, uma espécie de autonomização, se não completa, pelo menos parcial, que as torna um tanto independentes em relação aos atores sociais pelos quais, no entanto, são sustentadas.

Marcos biográficos

Georg Simmel nasceu em Berlim em 1859, uma metrópole em plena expansão na época. Seu pai, um empresário judeu convertido ao protestantismo, faleceu muito cedo, e um amigo da família

assumiu o papel de tutor do jovem garoto. Parece que ele não teve uma relação próxima com sua mãe. A falta de referências afetivas e de raízes familiares explica, sem dúvidas, alguns traços de sua personalidade: sentimentos de marginalidade e diferença, assim como insegurança, desequilíbrio e contradição. Essa falta de vínculo também se reflete em sua sociologia em termos de liberdade de ação e pensamento (como pode ser visto em suas análises sobre a ponte e a porta, ou sobre o Estrangeiro).

O jovem Simmel estudou na Universidade de Berlim, onde se interessou tanto pela filosofia quanto por história, psicologia, ciências sociais, arte e literatura. Essa sede intelectual o definiria mais tarde como um ensaísta, mais do que como um especialista; um curioso insaciável que investia em todos os campos do conhecimento, incluindo economia, política e religião. Como um verdadeiro esteta do pensamento social, Georg Simmel tinha muitos admiradores, mas nenhum discípulo. Ao contrário de Émile Durkheim, ele não era um fundador de uma Escola e não sentia nenhuma vocação, segundo suas próprias palavras, para transmitir qualquer legado sociológico a uma corte de satisfeitos em busca de reconhecimento para si mesmos.

A partir de 1885, ele lecionou, na Universidade de Berlim, lógica moral, estética, história da filosofia, psicologia social e sociologia. Foi nessa época que ele obteve um verdadeiro sucesso não apenas entre seus alunos, mas também com a elite cultural berlinense. Seus livros e artigos foram exportados para a Europa e os Estados Unidos.

Seu cargo como professor era precário (*privatdozent*): ele era um professor contratado e permaneceu nessa condição por 15 anos. Somente em 1901, ele finalmente conseguiu um cargo como professor externo, sem remuneração fixa ou possibilidade de participar dos assuntos internos da universidade. Todas as suas candidaturas para cargos de professor titular não tiveram sucesso, tanto na Universidade de Berlim quanto em outras instituições com vagas disponíveis.

³ Do original: une philosophie de l'esprit objectif, c'est-à-dire des manifestations, des incarnations et des objectivations de l'esprit humain dans la réalité socio-historique, c'est en ce sens que le sujet n'y est pas oublié au profit de l'objets.

⁴ Do original: il était nécessaire [pour ses détracteurs ou modérateurs] que la sociologie redécouvrit le sens des relations sociales plus discrètes, en portant par exemple son effort sur l'observation de la vie quotidienne et sur les interrelations modestes pour que l'on s'éveille à nouveau à l'œuvre de Simmel.

⁵ Do original: permet de conjindre en un même agir unitaire la tendance à l'égalisation sociale et la tendance à la distinction individuelle, à la variation.

A recusa sistemática das autoridades acadêmicas alemãs pode ser explicada, em parte, pelo seu não conformismo acadêmico: o ecletismo de Simmel contrariava as normas e valores universitários; mas também por seu grande sucesso nos círculos artísticos e literários alemães, pouco ou nada frequentados pela intelectualidade universitária; e, por fim, pelo antissemitismo insidioso que prevalecia nas instâncias dirigentes das universidades alemãs.

Foi somente em janeiro de 1914 que ele finalmente foi nomeado professor titular na Universidade de Estrasburgo. Na época, ele tinha 56 anos. Os últimos quatro anos de sua vida (ele faleceu em setembro de 1918) foram marcados pela guerra franco-prussiana, o que limitou consideravelmente suas atividades como professor: poucos ou nenhum estudante, já que muitos foram enviados para a frente de batalha; poucas ou nenhuma sala de aula, que foram transformadas em hospitais.

Esses anos de guerra, o levaram, paradoxalmente, a militar por um nacionalismo exacerbado, enquanto, até então, ele havia se absterido de qualquer envolvimento político, ao contrário de Max Weber e Émile Durkheim, que sempre conceberam suas problemáticas sociológicas em relação à possibilidade de uma ação (política) na vida social. Como escreve Pierre-Jean Simon em sua *História da Sociologia*, talvez "a guerra lhe tenha fornecido a oportunidade de escapar, por meio da fusão na comunidade política, da condição de 'estrangeiro' e da marginalidade que havia sido sua sina durante toda a vida"⁶ (Simon, 1991, p. 369, tradução nossa). Anúncios e ações públicas quase sempre têm uma motivação íntima, muitas vezes, inconsciente.

A obra de Georg Simmel foi frequentemente criticada por seu conteúdo psicologizante. Emile Durkheim, particularmente, o acusou de focar suas análises exclusivamente no indivíduo e não no social. No entanto, as preocupações de

pesquisa de Simmel não se concentram em nenhum dos dois termos em particular, mas em sua constante interação. O que importa para ele é decifrar o sentido do social, em uma relação permanente e criativa entre uma sociedade concebida como produto das ações individuais e os indivíduos concebidos também como produtos das ações e instituições sociais. O vínculo social está, portanto, no ponto de encontro entre o indivíduo e a sociedade, ambos inseridos em um ambiente natural. É nesse sistema abrangente – que Edgar Morin mais tarde chamaria de ecologia humana ou que Austin Berque entenderia como uma mesologia – que os laços sociais são tecidos.

O relativismo sociológico

Émile Durkheim e sua Escola também criticaram Georg Simmel por sua falta de rigor científico, especialmente no que diz respeito a seus métodos considerados muito subjetivos ou estetizantes, bem como pela suposta imprecisão dos conceitos que utilizava. Também lhe foram reprovados, como já mencionamos, seu ecletismo, sua mania de abordar várias áreas sem realizar pesquisas aprofundadas, sua falta de espírito de especialização e seu constante desequilíbrio (irritante para um positivista como Durkheim) entre a subjetividade de um esteta e a objetividade de um cientista. Com exceção de Célestin Bouglé (durkheimiano ortodoxo), que continuou a "frequentar" a sociologia simmeliana, Émile Durkheim e seus discípulos se abstiveram de qualquer relação intelectual com Georg Simmel a partir dos anos 1900-1901. Uma das explicações dadas por Jean-Louis Vieillard-Baron refere-se ao fato de que

Simmel sempre apresenta reflexões críticas, enquanto Durkheim, como bom professor universitário ansioso por criar um campo do conhecimento no qual os outros professores, e em particular os de filosofia, poderiam ser declarados altamente incompetentes, representa o tipo próprio do dogmatismo sociológico⁷ (Vieillard-Baron, 1989, p. 9, tradução nossa).

⁶ Do original: la guerre lui fournissait l'occasion d'échapper, par fusion dans la communauté politique, à la condition 'd'étranger' et à la marginalité qui avait sa vie durant été son lot.

⁷ No original: "Simmel présente toujours des réflexions critiques, tandis que Durkheim, en bon professeur d'université désireux de tailler un champs du savoir où les autres professeurs, et en particulier ceux de la philosophie, pourraient être déclarés hautement incompé-

Como observa Georg Lukács (1988, p. 190, tradução nossa) em seu posfácio de *Philosophie de l'amour*, "a importância histórica de Simmel reside no fato de que ele foi, desde o início, o representante mais marcante do pluralismo metodológico"⁸. O pluralismo simmeliano, fundamentalmente original, mas também marginal em uma época em que o materialismo e o positivismo dominavam todos os setores das ciências humanas, não se traduz, como se poderia facilmente pensar, em um relativismo sobre as nossas capacidades de enunciação. De fato, como doutrina filosófica, o relativismo pressupõe que o conhecimento não pode ser absoluto. No entanto, Georg Simmel insiste na necessidade de um absoluto em nossas possibilidades de enunciar a realidade, pelo menos em sua pesquisa. Todo conceito, toda noção, toda perspectiva abordada devem chegar ao fundo das coisas, dentro dos limites impostos pelo conhecimento e pela realidade. Portanto, é necessário o rigor na enunciação, ou seja, em nossos modos de representação acadêmica da realidade.

Mas também é verdade, nos diz Simmel, que uma única perspectiva, um único ângulo de abordagem não pode abarcar a totalidade da realidade, uma vez que esta é multifacetada e apenas parcialmente acessível por meio da subjetividade do observador. É nesse nível que reside o relativismo de Simmel: "no sentido de que a existência não é conhecível em si mesma, absolutamente, mas apenas em seus modos ou fenômenos: em outras palavras, não podemos conhecer coisas, mas apenas relações"⁹ (Lalande, 1962, p. 914-915, tradução nossa). Esse relativismo simmeliano se refere, portanto, ao "entrelaçamento recíproco de pontos de vista heterogêneos"¹⁰ (Lukács, 1988, p. 192, tradução nossa).

Esse tipo de relativismo, indissociável da noção de vida na qual Simmel tanto insistiu em grande parte de seus estudos, também se aplica à interdependência do sujeito conhecedor e do objeto a ser conhecido, os quais

seriam função um do outro, cujas variações seriam correlativas e cuja complexa reciprocidade de relações, determinada por uma espécie de equilíbrio instável de conhecimento, se exerceria através de um vaivém incessante de ações e reações¹¹ (Jankélévitch, 1988, p. 16-17, tradução nossa).

O relativismo simmeliano pode ser comparado à posição de Henri Bergson (1991, p. 356, tradução nossa), para quem "uma relação não é nada além da inteligência que a relaciona"¹². Isso equivale a dar crédito ao idealismo kantiano sobre formas ou ideias. Mas onde Immanuel Kant vê formas *a priori* imutáveis, formas ou estruturas de entendimento que se impõem à realidade, Georg Simmel enxerga formas de entendimento que são moldáveis, moduláveis, sobre as quais agem as diversas possibilidades do mundo sensível: "Kant iluminou de maneira admirável a atividade sintética pela qual o eu unificador impõe suas formas racionais à diversidade da experiência, mas não mostrou como a experiência reage a essas formas e as modifica"¹³ (Jankélévitch, 1988, p. 20, tradução nossa).

Vladimir Jankélévitch, em seu prefácio para *La tragédie de culture*, credits à abordagem intelectual de Georg Simmel um vitalismo sociológico ao mesmo tempo humilde e sedento de conhecimento, rigoroso e aventureiro, que reconhece a ilusão das certezas científicas:

a verdadeira realidade não é nem a forma imutável e absoluta exaltada pelas morais racionalistas como soberana despótica, nem o conteúdo empírico bruto de nossas tendências e ações, cujo naturalismo afirma o valor

tents, représente le type même du dogmatisme sociologique".

⁸ Do original: l'importance historique de Simmel tient au fait qu'il fut dès ses tous débuts le représentant le plus marquant du pluralisme méthodologique.

⁹ Do original: en ce sens que l'existence n'est pas connaissable en elle-même, absolument, mais seulement dans ses modes ou phénomènes: autrement dit, on ne peut connaître des choses, mais seulement des relations.

¹⁰ Do original: l'imbrication réciproque de points de vue hétérogènes.

¹¹ Do original: seraient fonction l'un de l'autre, dont les variations seraient corrélatives, et dont la réciprocity complexe de relations, déterminée par une sorte d'équilibre instable du connaître, s'exercerait à travers un va-et-vient incessant d'actions et de réactions.

¹² Do original: un rapport n'est rien en dehors de l'intelligence qui rapporte.

¹³ Do original: Kant a admirablement mis en lumière l'activité synthétique par laquelle le moi unificateur impose ses formes rationnelles au divers de l'expérience, il n'a pas montré comment l'expérience réagit sur ces formes et les modifie.

independente; mas sim a correlação móvel e dinâmica que liga os dois polos opostos da moralidade¹⁴ (Jankélévitch, 1988, p. 26-27, tradução nossa).

Assim, para Simmel, o ato de conhecimento é primeiramente um ato de vida, porque não pode haver uma adequação definitiva e estática entre as estruturas *a priori* da compreensão e a realidade empírica: "o conhecimento é uma vida porque é fragmentário" (Jankélévitch, 1988, p. 30, tradução nossa). Em outras palavras, "sujeito e objeto são, por direito, dois absolutos que, na realidade, se procuram, se perseguem, se aproximam sem cessar e se unem provisoriamente nesse compromisso sempre ameaçado, sempre instável que é o conhecimento humano"¹⁵ (Jankélévitch, 1988, p. 30, tradução nossa).

Na mesma linha racionalista de Hegel, Simmel acredita que nada pode escapar à análise, e além do idealismo hegeliano, pois, segundo ele, até mesmo o superficial tem um significado "e está ligado, de alguma forma, ao profundo, ao essencial"¹⁶ (Viellard-Baron, 1989, p. 12, tradução nossa). Ao contrário do dogmatismo sociológico de Durkheim, a sociologia estética de Simmel se concentra nos aspectos aparentemente insignificantes da vida cotidiana e lhes confere um genuíno valor científico. Assim como o pensamento só faz sentido dentro de limites dos quais deve se libertar de tempos em tempos para alcançar o verdadeiro conhecimento (ou o saber alegre de Nietzsche), da mesma forma, a realidade não pode se limitar a domínios pré-determinados que dariam legitimidade às ciências humanas e, em particular, à sociologia. Desse modo, como exemplos, seus centros de atenção estão sobre: a moda (1895); o significado estético do rosto (1901); a ponte e a porta (1909); a prostituição (1892); a psicologia da coqueteria (1909); o amor; a cidade;

a fé religiosa; o conflito; os sentidos etc.

As condições de possibilidade da sociedade

De encontro a Émile Durkheim, que postula a preponderância do social como princípio *a priori*, relegando o indivíduo a um plano secundário de importância, Georg Simmel enfatiza a relação entre o indivíduo e o social, cada um dos termos se explicando por complementaridade. Ele busca, assim, definir o lugar do indivíduo no social: "o *a priori* da vida social empírica é que a vida não é inteiramente social"¹⁷ (SIMMEL, 1986, p. 34). De fato, para Simmel, o indivíduo não é exclusivamente um ser social, e a sociologia não pode reduzi-lo a essa única expressão.

Como a sociedade é possível? Para fornecer respostas a essa problemática básica, Georg Simmel parte da pergunta de Immanuel Kant sobre as condições de possibilidade da natureza: esta "existe" por meio do trabalho da mente, que classifica seus elementos dispares, estabelece conexões causais entre eles e os fixa por meio das formas do intelecto (categorias do entendimento). Poderíamos, então, conceber facilmente a unidade do social segundo o mesmo princípio. No entanto, segundo Simmel, há uma diferença radical entre a natureza e a sociedade: se a unidade da natureza (de acordo com a posição kantiana)

[...] se realiza exclusivamente no sujeito perceptivo; ela é produzida por este, com e a partir dos materiais de sentido que não estão conectados em si mesmos. Ao contrário, a unidade da sociedade é realizada por seus elementos, sem que haja outra mediação, porque eles são conscientes e operam uma síntese; essa unidade não precisa de nenhum observador¹⁸ (Simmel, 1986, p. 23, tradução nossa).

¹⁴ Do original: la véritable réalité n'est ni la forme immuable et absolue dont les morales rationalistes exaltent la souveraineté despotique, ni le contenu empirique brut de nos tendances et de nos actions, dont le naturalisme affirme la valeur indépendante ; mais bien plutôt la corrélation mobile et dynamique qui lie l'un à l'autre les deux pôles contraires de la moralité.

¹⁵ Do original: la connaissance est une vie parce qu'elle est fragmentaire [...] sujet et objet sont, en droit, deux absolus qui, en fait, se cherchent, se poursuivent, se rapprochent sans cesser l'un de l'autre et s'unissent provisoirement dans ce compromis toujours menacé, toujours instable qu'est le savoir humain.

¹⁶ Do original: et se rattache par quelque voie que ce soit, au profond, à l'essentiel.

¹⁷ Do original: l'a priori de la vie sociale empirique est que la vie n'est pas entièrement sociale.

¹⁸ Do original: se réalise exclusivement dans le sujet percevant; elle est produite par celui-ci, avec et à partir des matériaux de sens qui ne sont pas raccordés en eux-mêmes. Au contraire, l'unité de la société est réalisée par ses éléments, sans qu'il y ait une autre médiation, parce qu'ils sont conscients et opèrent une synthèse; cette unité n'a besoin d'aucun observateur.

Assim, a realização da unidade sintética que é a sociedade (ou o ser-sociedade) é responsabilidade de cada um dos elementos da sociedade, que sabem que estão ligados uns aos outros e a algo maior. Em cada indivíduo, há um conhecimento imediato relacionado à consciência de ser socializado e estar em processo de socialização.

Essas condições ou formas de socialização operacional *a priori* repousam em duas espécies de dualismo:

a) humano-tipo/humano-fragmento: cada expressão da individualidade carrega consigo uma representação do humano-tipo. Não podemos deixar de ver no outro uma imagem idealizada ou ideal do ser humano em sua generalidade – há o geral no particular, e a compreensão do outro será estabelecida necessariamente em uma relação de obrigação com o ser generalizado, porque só apreendemos fragmentos da realidade profunda daquele sobre quem recai nossa atenção;

b) existência-para-a-sociedade/existência-para-si: "cada elemento de um grupo não é apenas uma parte da sociedade, mas é também algo mais"¹⁹ (Simmel, 1986, p. 32, tradução nossa). Esse "algo mais" diz respeito ao íntimo, ao que não pode ser absolutamente compartilhado com os outros. Mas essa mesma intimidade, ou seja, o que pertence ao indivíduo, o que constitui sua singularidade além de qualquer tipo de imposição, influencia a maneira como ele concebe e pratica suas relações com os outros: "a maneira como ele é socializado é determinada ou co-determinada pela maneira como ele não é"²⁰ (Simmel, 1986, p. 32, tradução nossa). Georg Simmel dá o exemplo do estrangeiro, do pobre, do criminoso, mas isso é válido para cada indivíduo em sua própria expressão de singularidade.

Portanto, todo indivíduo se determina socialmente por uma função social, mas isso não exclui a expressão de um ser-para-si, de uma

interioridade (mais-ser) na elaboração do ser-para-a-sociedade:

a vida se desenrola como se todos os seus membros estivessem em uma relação de unidade, de tal forma que cada um deles, precisamente por ser aquele e não um outro, depende de todos os outros, e todos os outros dependem dele²¹ (Simmel, 1986, p. 41, tradução nossa).

Então, é também neste "mais-ser" e neste "ser-para-si" que os indivíduos sociais se movem: "o fato de a sociedade ser uma estrutura composta por seres que estão simultaneamente dentro e fora dessa estrutura constitui uma das informações sociológicas mais importantes"²² (Simmel, 1986, p. 35, tradução nossa). Levar em conta este "ser-para-si", que Simmel também chama de "alma" ou "personalidade", implica a dimensão social do indivíduo e, conseqüentemente, sua apreensão sociológica.

São estas duas dimensões, interna e externa, que "definem a posição totalmente unitária do homem que vive em sociedade"²³ (Simmel, 1986, p. 38, tradução nossa). Nele, existem duas determinações que se opõem logicamente: aquela que o coloca no mundo como membro de um grupo ou comunidade e aquela que o situa em um recolhimento em si mesmo, em direção ao seu próprio centro interior. Nesse sentido, a sociedade é composta por "seres que, por um lado, se sentem plenamente como existências sociais e, por outro lado, conservando o mesmo conteúdo, se sentem como existências plenamente pessoais"²⁴ (Simmel, 1986, p. 38, tradução nossa). O íntimo possui, de fato, uma relevância sociológica indiscutível.

Outro texto de Georg Simmel (1988) permite enfatizar ainda mais esse conjunto de ligações e desligamentos dos quais a vida social é moldada: "A Ponte e a Porta". Trata-se de um texto altamente

¹⁹ Do original: chaque élément d'un groupe n'est pas seulement une partie de la société, mais est en plus quelque chose d'autre.

²⁰ Do original: la manière dont il est socialisé est déterminée ou co-déterminée par la manière dont il ne l'est pas.

²¹ Do original: la vie se déroule comme si tous ses membres se trouvaient dans une relation d'unité, de telle manière que chacun d'eux, précisément parce qu'il est celui-là et non un autre, dépend de tous les autres, et tous les autres dépendent de lui.

²² Do original: le fait que la société soit une structure composée d'êtres qui se trouvent à la fois à l'intérieur et à l'extérieur de cette structure constitue l'une des informations sociologiques les plus importantes.

²³ Do original: définissent la position entièrement unitaire de l'homme qui vit en société.

²⁴ Do original: d'êtres qui d'une part se ressentent pleinement comme des existences sociales et qui d'autre part, en conservant le même contenu, se ressentent comme des existences pleinement personnelles.

metafórico e simbólico que destaca a ideia de interação recíproca, um elemento de reflexão presente na própria dimensão do conflito. A ponte permite estabelecer uma ligação entre dois ou mais indivíduos. É um ponto de passagem, de conexão ou relação. É igualmente o que possibilita a unidade. Quanto à porta, ela ressalta a ideia de separação, de distinção, de dissociação, mas deixa em aberto a perspectiva de um possível encontro. O primeiro termo remete à segurança e à harmonia, enquanto o segundo simboliza a instabilidade e a divergência. O vínculo é vivenciado na expressão desses dois termos.

Sociologia do conflito

Georg Simmel (1989) destaca, assim, uma característica permanente da mente humana, presente em seus universos de socialização: uma dupla tendência para unidade e diferenciação, uniformização e particularização, totalização e individualização, consenso e dissenso. Isso é um traço específico do indivíduo na sociedade, sobre o qual todo relacionamento é fundamentado. No entanto, novamente de acordo com Simmel (1989, p. 190, tradução nossa), não pode haver superação dessa situação, mas apenas uma coexistência de elementos contraditórios, cujo "combate já é a solução para a divisão entre os contrários"²⁵. Não é possível fornecer uma solução definitiva para essa dicotomia existencial: nem política, nem econômica, nem religiosa. O indivíduo deve viver plenamente sua condição, feita de unidade e separação, integração e desintegração, porque ela é composta de forças atrativas e repulsivas, à imagem do movimento da existência ou da vida. É esse movimento que constrói incessantemente novas formas, sejam elas biológicas ou psicológicas, históricas ou sociais.

O conflito não é, portanto, segundo Georg Simmel, o produto patológico de uma sociedade em decadência ou ruptura, como Emile Durkheim tendia a sustentar. Para o sociólogo alemão, o conflito é um fenômeno normal. Ele é até mes-

mo uma garantia de boa saúde ou vitalidade, sem a qual uma sociedade não pode subsistir. De acordo com a análise de Julien Freund (1981, p. 68, tradução nossa), especialista na obra de Georg Simmel, "a luta é uma forma de socialização que, por sua própria negatividade, adquire um significado positivo. De fato, devido às suas discordâncias, os indivíduos e os grupos mantêm ações recíprocas que estão na base de toda sociedade"²⁶. As formas sociais, logo, não podem ser completamente centrípetas e harmoniosas. De um ponto de vista empírico, uma sociedade feita apenas de harmonia e tendências para a unificação não seria apenas inconcebível, mas também se revelaria impraticável ou inviável. Se fosse esse o caso, ela estaria fora do movimento da vida e, assim, fora da realidade, seja ela cultural ou natural.

O conflito é compreendido por Georg Simmel em uma perspectiva antropossociológica relativamente aberta, na medida em que integra essa dimensão existencial da luta incessante entre a vida e a morte, do antagonismo vital existente entre forças consideradas incompatíveis, mas cujos encontro e fricções mútuos são eminentemente necessários. O conflito é, por natureza, a expressão de antagonismos individuais e sociais nos quais estão em jogo o desejo de possuir bens materiais ou simbólicos e a vontade de dominar aqueles que não os possuem ou foram previamente despojados deles.

Ele pode ser igualmente um meio necessário para restabelecer o equilíbrio, atender a uma necessidade de urgência, reparar uma injustiça ou uma frustração que consome a alma. Nessa perspectiva, o conflito permite reunir o que foi disperso, restabelecer a homogeneidade do que foi deslocado e é parte integrante do processo de socialização que constantemente aflige os indivíduos. Portanto, de maneira paradoxal, ele é criador de laço social.

Georg Simmel parte do pressuposto de que cada indivíduo é parcialmente determinado por

uma pulsão primária de hostilidade ou agressividade, por uma inclinação à oposição, assim como o mundo cósmico e social. O que unifica a psicologia do indivíduo e, portanto, seu comportamento social, o que constitui sua totalidade, são seus fundamentos contraditórios de atração e repulsão. É essa contradição permanente que define, de certa forma, as características vitais da existência. Essa contradição, esse movimento incessante de atração e repulsão, se inscreve em uma lógica de diferenciação e semelhança que é ela própria contraditória. Todos os indivíduos são diferentes uns dos outros, tanto do ponto de vista de suas características físicas quanto de suas respectivas personalidades, mesmo que compartilhem uma mesma cultura, uma crença similar ou uma ideologia semelhante.

Mas, às vezes, as opiniões divergem, as ideias se opõem, os pontos de vista entram em confronto de forma exacerbada. Segundo Simmel, essas divergências e oposições são necessárias, para não dizer vitais, porque permitem que cada indivíduo suporte a existência gritante da alteridade, da diferença que o outro representa. Assim, para existir, para me afirmar como personalidade, para não tornar minha vida insuportável aos meus próprios olhos e irrisória aos olhos dos outros, devo mostrar àquele que está diante de mim que suas ideias ou atitudes não me convêm, que elas são uma afronta ao que sou fundamentalmente. Se eu não tomasse o partido da oposição, do confronto, não teria outra solução viável senão rejeitar aquele que perturba fisicamente ou psicologicamente minha existência. E é justamente essa rejeição que deve ser evitada, pois desfaz o laço social.

O conflito, portanto, permite costurar o tecido social e, até mesmo, reforçá-lo, se necessário. Logo, o conflito deve ser visto como a resolução de um problema, mas, embora na maioria dos casos seja criador de laço social, certamente não o é quando implica na destruição total de um dos protagonistas envolvidos.

Max Weber compartilha com Georg Simmel

essa concepção do conflito segundo a qual sua presença não revela, de forma alguma, uma patologia social. Para esses dois sociólogos alemães, toda sociedade, toda relação humana, toda personalidade funcionam com base no princípio do conflito. Nesse sentido, eles expressam em termos sociológicos o que Immanuel Kant (1965, p. 32, tradução nossa) desenvolveu em relação à dialética entre o homem e a natureza: "O homem quer a concórdia, mas a natureza sabe melhor do que ele o que é bom para sua espécie, ela quer a discórdia"²⁷. Esta última é, então, a condição de possibilidade da primeira. A discórdia é essencialmente positiva em termos de dinâmica social e histórica, pois torna os seres humanos capazes de superar estados de estagnação, revertendo situações inerciais e, portanto, passivas, em prol do seu próprio desenvolvimento.

Sociologia dos sentidos

É claro que a sociologia de Georg Simmel se desenvolve paralelamente à sociologia durkheimiana, que privilegia a análise das instituições, desses elementos sociais dentro dos quais as ações recíprocas parecem ser, no mínimo, duráveis: o Estado, as igrejas, os sindicatos, os partidos políticos, as classes sociais etc.

Simmel se dedica principalmente a mostrar, reconhecendo a importância dessas formas "duráveis" na produção e manutenção do vínculo social, que a sociedade é fundamentalmente baseada em uma infinidade de formas de relação e ação entre os agentes; formas que, para alguns, podem parecer fúteis ou desinteressantes, mas sem as quais a sociedade não poderia ser o que é. Essas espécies de relações ou ações, menos privilegiadas pela sociologia clássica ou ortodoxa, são objetos de pesquisa cujo sentido deve ser buscado.

É por essa razão que a abordagem intelectual de Simmel é fundamentalmente microsociológica, tentando, assim, explorar sociologicamente o amplo campo que comumente chamamos de vida cotidiana, composta por relações duráveis

²⁵ Do original: le combat est déjà la solution de la division entre les contraires.

²⁶ Do original: la lutte est une forme de la socialisation qui par sa négativité même prend une signification positive. En effet, du fait même de leurs discordes, les individus et les groupes entretiennent des actions réciproques qui sont à la base de toute société.

²⁷ Do original: l'homme veut la concorde mais la nature sait mieux que lui ce qui est bon pour son espèce, elle veut la discorde.

ou efêmeras, úteis ou fúteis, conscientes ou inconscientes: "é nisso que consistem as ações recíprocas entre os elementos que sustentam toda a firmeza e elasticidade, toda a multiplicidade e unidade da vida em sociedade"²⁸ (Simmel, 1981, p. 88-90, tradução nossa). Isso também é o que tornou Simmel original em sua época e reproduzível na nossa. Para ele, a sociologia não pode se limitar apenas às características aparentes da vida social. Essas formas duráveis não são as únicas representativas da vida social em geral. É necessário ir além das aparências, investigar profundamente o tecido social conforme se apresenta, a fim de tentar descobrir, ou seja, colocar em evidência o que permanece oculto, mas que faz parte das condições sob as quais as relações humanas são formalizadas.

Há um estudo de Simmel que é altamente revelador desse tipo de abordagem sociológica. Trata-se de um ensaio intitulado "*sociologie des sens*" (1981) – *sociologia dos sentidos* em tradução livre –, publicado em 1907²⁹. Esse texto destaca as interações sociais a partir da troca de olhares, gostos, sons, odores e toques entre dois ou mais indivíduos. Essas trocas constituem interações imediatas e íntimas que baseiam a essência de nossa relação com o outro. O olho, a boca, a audição, o olfato e o contato possuem funções totalmente sociológicas, além de seus atributos fisiológicos e psicológicos. Eles são criadores de laços sociais.

Segundo o autor, essas impressões sensíveis experimentadas por todos são de grande interesse para o sociólogo, pois "guiam-nos para o interior do sujeito, do qual são o sentimento do estado de espírito, mas também em direção ao objeto como meio de seu conhecimento"³⁰ (Simmel, 1981, tradução nossa). Assim, o olhar se caracteriza por uma ação sociológica na medida em que é o "mediador" ou a "ponte", usando a

linguagem simmeliana, através da qual passam as ligações e reciprocidades de ações entre dois indivíduos. A troca de olhares desempenha um papel fundamental no desenvolvimento do relacionamento. É nela que se baseia, em primeiro lugar, a continuidade ou a descontinuidade da troca.

Georg Simmel (1981, p. 227-229, tradução nossa) também aborda o status epistemológico do olho como órgão de conhecimento:

o olho que percebe outra pessoa, ao direcionar seu olhar para ela, assumirá uma expressão que variará de acordo com a maneira como ele a observará; ao absorver outra pessoa com o olhar, revela-se a si mesmo; pela mesma ação, o sujeito, ao procurar conhecer o objeto, se entrega a ele.³¹

Simmel integra essa análise dos sentidos no contexto dos grandes centros urbanos. Estes, em contraste com as pequenas cidades ou aglomerações rurais, enfatizam a predominância do olhar sobre a audição. Nos vilarejos, onde cada um conhece o outro, seus hábitos, aparências e modo de vida, o foco está na troca de palavras, na comunicação verbal e auditiva: ouvimos o outro assim como o preenchemos com nossas palavras. Nesse contexto, o encontro visual, muitas vezes, é condicionado pela troca verbal.

Mas com o surgimento dos meios de comunicação modernos e, especialmente, a introdução de novos meios de transporte, mais rápidos, mas também mais anônimos, a comunicação verbal perde gradualmente sua essência. Cada um é confrontado pelo outro na dança dos olhares, e não na troca de palavras. Convivemos com o outro no metrô, no ônibus, no trem, por minutos ou até mesmo horas, e apenas o sentido da visão é utilizado. Como resultado, nossa compreensão do outro se torna ainda mais enigmática, já que, geralmente, interpretamos o que vemos com

²⁸ Do original: c'est en cela que consistent les actions réciproques entre les éléments qui soutiennent toute la fermeté et l'élasticité, toute la multiplicité et toute l'unité de la vie en société.

²⁹ Este estudo dos sentidos foi publicado pela primeira vez em francês, em 1912, em uma coletânea intitulada: *Mélanges de philosophie relativiste*.

³⁰ Do original: nous guident dans l'intérieur du sujet, dont elles sont le sentiment d'état d'âme, mais aussi vers l'objet en tant que moyen de sa connaissance.

³¹ Do original: l'œil que perçoit une autre personne, en dirigeant son regard sur elle, prendra une expression qui variera d'après la façon dont il la regardera; en absorbant une autre personne par le regard, on se révèle soi-même; par la même action, le sujet, tout en cherchant à connaître l'objet, se livre à lui.

base no que ouvimos, enquanto o contrário é muito mais raro. É por isso que aqueles que veem sem ouvir ficam muito mais confusos, perplexos e preocupados do que aqueles que ouvem sem ver.

Georg Simmel também atribui ao olfato uma função sociológica extremamente importante, com um resultado mais negativo do que positivo nas relações sociais. De fato, o sociólogo alemão considera esse atributo como "sentido desagregador ou antissocial por excelência", que nos permite selecionar, na nossa proximidade, aqueles que não merecem nossa atenção ou estima. Há algo irrevogável no olfato, uma espécie de radicalidade que se expressa nas decisões tomadas, e que a razão terá dificuldade em conter:

sentir a atmosfera de alguém é, por assim dizer, a percepção mais íntima que podemos ter [...] isso deve levar a uma seleção e determinar distâncias que, de certa forma, fornecerão uma das bases sensíveis para a reserva sociológica do indivíduo moderno³² (Simmel, 1981, p. 237, tradução nossa).

Simmel chega até a relacionar o olfato com as relações entre as classes sociais. Assim, as classes superiores e abastadas seriam propensas a fazer sacrifícios em favor dos desfavorecidos e necessitados, desde que não estejam em contato direto com aqueles que exalam o "suor sagrado" do trabalho. A questão social (Karl Marx, Emile Zola etc.) não é apenas uma questão moral, mas também, e principalmente, uma questão de olfato. Mais uma vez, é o aspecto desagregador desse sentido que prevalece sobre sua função agregadora.

Essa "sociologia dos sentidos" não aborda o paladar. No entanto, Georg Simmel publicará três anos depois (1910) uma "sociologia da refeição", que destacará a estética sociológica dos apetites gustativos no compartilhamento de alimentos e nos rituais a eles associados.

Desse modo, a formatação comunitária da refeição não responde exclusivamente à ne-

cessidade vital de se alimentar e experimentar a satisfação da saciedade. Trata-se, claro, de um ato individual irreduzível, já que "o que um indivíduo come não pode, de forma alguma, ser comido por outro" (Simmel, 1981, p. 227³³). No entanto, existe outra dimensão da refeição e da ritualização do paladar que é igualmente importante, senão mais, do que a simples ingestão de alimentos. Segundo Simmel, nessas ocasiões de comensalidade, há a busca por um estar-junto unificador cuja força de agregação baseia-se nas formas de consumo, na estilização da troca alimentar, nas estruturas, nas regras e nos rituais vigentes. Sua prática e respeito resultam em uma sincronização e, portanto, um comportamento unitário das pessoas que compartilham a mesma mesa.

Ao se interessar por fatos que, à primeira vista, podem parecer sem importância, Georg Simmel lembra que a produção de conhecimento sociológico pode, às vezes, tomar rumos e caminhos que pensávamos não serem estritamente científicos, mas que, no entanto, revelam-se essenciais para a compreensão da realidade social. Como ele respondia a seus detratores ou àqueles que se consideravam os donos da disciplina sociológica, é "totalmente fútil querer reservar o termo 'ciência' para a determinação de leis e não concedê-lo à observação dos fatos, sem a qual é impossível compreender a realidade"³⁴ (Simmel, 1984, p. 164), tradução nossa. Isso diz tudo. A futilidade que qualificava sua obra segundo os histriões do teatro durkheimiano, cujo autor de *Da divisão do trabalho social* (Durkheim, 1893) havia se dado apropriadamente o papel principal, agora se aplica a seus detratores. Com Simmel, a observação tem força de lei para aqueles que estão dispostos a lhe reconhecer algumas prerrogativas nas ciências humanas e sociais.

³² Do original: le fait de sentir l'atmosphère de quelqu'un est pour ainsi dire la perception la plus intime que nous puissions avoir de lui [...] cela doit mener à une sélection et déterminer des distances qui fourniront en quelque sorte l'une des bases sensibles de la réserve sociologique de l'individu moderne.

³³ Do original: ce que l'individu mange ne peut en aucun cas être mangé par un autre.

³⁴ Do original: tout à fait futile de vouloir réserver le terme de 'science' à la détermination de loi et de ne pas l'accorder à l'observation des faits, sans laquelle il est impossible de comprendre la réalité.

Referências

BERGSON, Henri. L'évolution créatrice. Paris: Puf, Quadrige, 1991.

DURKHEIM, Emile. De la division du travail social. Paris: Félix Alcan, 1893.

FREUND, Julien. Introduction. In: SIMMEL, Georg. Sociologie et épistémologie. Paris: Puf, 1981. p. 223-238. (Coleção Sociologies).

JANKÉLÉVITCH, Vladimir. Preface. In: SIMMEL, Georg. La tragédie de culture. Paris: Petite Bibliothèque Rivages, 1988.

KANT, Emmanuel. Idée d'une histoire universelle au point de vue cosmopolite. In: KANT, Emmanuel. La philosophie de l'histoire. Paris: Gonthier, 1965. (Coleção Médiations).

LALANDE, André. Vocabulaire technique et critique de la philosophie. Paris: Puf, 1962.

LUKÁCS, Georg. Postface. In: SIMMEL, Georg. Philosophie de l'amour. Trad. Sabine Cornille e Philippe Ivernel. Paris: Rivages, 1988. p. 190.

SIMMEL, Georg. Comment les formes sociales se maintiennent. In: SIMMEL, Georg. L'Année sociologique. Paris: Félix Alcan, 1898. p. 71-107. v. I.

SIMMEL, Georg. Digression sur le problème : comment la société est-elle possible. In: WATIER, Patrick (org.). Georg Simmel. La sociologie et l'expérience du monde moderne. Paris: Méridiens Klincksieck, 1986.

SIMMEL, Georg. La tragédie de la culture. Introdução Vladimir Jankélévitch. Trad. Sabine Cornille e Philippe Ivernel. Paris: Rivages, 1988.

SIMMEL, Georg. Le problème de la philosophie de l'histoire. Paris: Puf, 1984. (Coleção Sociologies).

SIMMEL, Georg. Philosophie de la modernité. Introdução e trad. Jean-Louis Vieillard-Baron. Paris: Payot, 1989. t. II.

SIMON, Pierre-Jean. Histoire de la Sociologie. Paris: Puf, 1991.

VIEILLARD-BARON, Jean-Louis. Preface. In: SIMMEL, Georg. Philosophie de la modernité. Introdução e trad. Jean-Louis Vieillard-Baron. Paris: Payot, 1989. t. II.

Philippe Joron

Doutor em Sociologia pela Université René Descartes Sorbonne – Paris V, França. Professor de Sociologia e ex-vice-presidente do Conselho de Administração da Université Paul-Valéry Montpellier 3 (UPVM3), em Montpellier, França; ex-decano da Faculté des Sciences du Sujet et de la Société – UFR5; diretor do Laboratoire d'Études Interdisciplinaires sur le Réel et les Imaginaires Sociaux – LEIRIS.

Endereço para correspondência

Philippe Joron

Université Paul-Valéry Montpellier 3
Route de Mende 34199 Montpellier Cedex 5
Standard de l'Université: 04 67 14 20 00
Montpellier, França

Os textos deste artigo foram revisados pela SK Revisões Acadêmicas e submetidos para validação do(s) autor(es) antes da publicação.